

Revista dos Encontros Literários Moreira Campos

Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará

Acervo do Escritor Cearense

<http://encontrosliterarios.ufc.br/>



CANTOS DE VIDA E DE MORTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A POESIA POLIÉDRICA DE JÁDER DE CARVALHO

Francisco Carlos CARVALHO DA SILVA¹.

Universidade Estadual do Ceará

Geórgia Gardênia Brito CAVALCANTE CARVALHO².

Universidade Estadual do Ceará

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura brasileira está, sem sombra de dúvidas, inserida no enorme arcabouço da literatura universal. Mesmo que ainda seja formalmente reduzida a presença de autores brasileiros no cânone da literatura mundial, tal questão não diminui a qualidade da literatura produzida por nossos autores, sejam eles clássicos ou modernos. Ao contrário, a produção literária em nosso país continua de vento em popa, sendo produzida desde os mais recônditos sítios às mais desenvolvidas regiões, ou seja, independentemente das limitações decorrentes das diversidades geográficas, culturais, econômicas, políticas e ideológicas; a literatura brasileira tem se firmado como uma das mais expressivas representações culturais do Brasil.

Assim sendo, este trabalho objetiva refletir sobre a literatura brasileira em termos gerais e, sobre a literatura de Jader de Carvalho, em termos mais específicos. Para tanto, tendo em vista o

1 Professor Assistente D da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, da Universidade Estadual do Ceará (FECLESC / UECE). Doutorando do programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: carlos.oak@hotmail.com

2 Professora da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, da Universidade Estadual do Ceará (FECLESC / UECE). Especialista em Literatura e Formação do Leitor. E-mail: gcavalcante@hotmail.com.

referido autor ter transitado com destacada relevância pelo jornalismo, a prosa, o ensaio sociológico e a poesia; faz-se necessário um recorte na sua obra com o intuito de não nos afastarmos daquilo que nos propomos no título do presente artigo. Destarte, tomaremos a poesia, mais especificamente seu livro *Água da Fonte*, de 1966, como objeto de análise, observando o quão multifacetada ela se apresenta. Para tanto, ao discorrermos sobre sua poética, utilizaremos o termo “poliédrica” por reconhecermos as inúmeras faces da sua poesia e acreditarmos que a análise da sua obra poética não cabe em gaiolas conceituais limitadoras e finitas. Mas sim, em estudos que se pautem por uma abrangência mais ampla da concepção poética do autor, vanguardista ao seu tempo, e ainda atual quase noventa anos após a publicação do seu primeiro trabalho *O Canto Novo da Raça* (1927) em parceria com Sidney Neto, Mozart Firmeza e Franklin Nascimento; trabalho este que inaugura o Modernismo em terras de Alencar.

Para uma melhor compreensão do autor e apreensão da sua obra poética, voltemos um pouco no tempo e conheçamos mais sobre o autor de *Cantos da Morte* (1967).

SERRA DO ESTEVÃO: TERRA NUA DE HOMENS TRISTES

Jáder Moreira de Carvalho, filho de Francisco Adolfo de Carvalho e de Rita Moreira de Carvalho, nasceu na Serra do Estevão, em Quixadá- Ceará, no dia 29 de dezembro de 1901.

Mesmo tendo mudado para morar definitivamente em Fortaleza no ano de 1915, as lembranças idílicas e a afeição telúrica do menino com a Serra, se constituirão em matéria para a obra do poeta.

Em *Quixadá & Serra do Estevão* (1997), José Bonifácio de Souza discorre sobre a terra natal do poeta em questão:

No mapa orográfico do Ceará, a serra do Estevão represente um elo da *cadeia central* formada por uma série de montanhas de origem arqueana, que se sucedem a maior ou menor distância, desde o litoral até o alto sertão. Com altitude de cerca de 400 metros de extensão aproximada de 24 km de norte a sul, e 10 km de leste a oeste, maior importância não teria como acidente geográfico, se fatores de outra natureza não lhe justificassem o renome. (SOUZA, 1997:68)

E continua o autor:

Localizada numa zona duramente castigada pelas secas, é a serra do Estevão como um oásis em meio à aspereza dos sertões que a contornam. No tocante a temperatura, a escala

termométrica registra mínimas de 18° em maio-junho e máximas que não excedem de 30° à sombra, nos meses que precedem o inverno, quando a região circundante parece um imenso braseiro. Dos dias para as noites, as variações são de pequena amplitude, assegurando uma constância térmica que, aliada à segura do ar atmosférico, constitui uma das virtudes do clima local. (SOUZA, 1997:68)

Durante o mês de agosto de 1899, Dom Gerardo van Caloen, Superior dos Beneditinos no Brasil, visitou a serra do Estevão, firmando as bases do que viria a ser o Mosteiro de Santa Cruz. Para gerir o mosteiro que se surgia, o monge de origem tcheca Maurício Prickzy. Será esse religioso quem batizará o poeta, inclusive sugerindo à sua mãe, Rita Moreira de Carvalho, o nome Jáder. Tendo em vista a empatia dos moradores da serra do Estevão com o referido monge e as benfeitorias por ele realizadas, tempos depois o distrito onde nasceu Jáder de Carvalho passaria a ser chamado de Dom Maurício. Contudo, ainda hoje não há consenso entre seus moradores; continuando serra do Estevão para uns e Dom Maurício para outros.

Em seu livro *Água da fonte* (1966), o poeta Jáder de Carvalho traz dois poemas intitulados, respectivamente, *Serra do Estevão I* e *Serra do Estevão II*, onde se lê:

SERRA DO ESTEVÃO I

Não tem nenhuma fonte a minha serra:
A água que ali bebemos vem das nuvens
Por isso, a terra é nua e de homens tristes,
mais tristes que as mulheres, muito mais.

As mulheres não cantam nos crepúsculos,
não cantam mesmo quando a lua é cheia.
E os meninos, com frio, como pensam,
maduros no sofrer e no chorar!

Mas o clima da serra... Ó pobres tísicos,
procurai esse clima, sem demora!
E vós, doentes do espírito, também!

Oh, minha serra, que é daqueles frades,
que eram sábios, artistas, professores?
E as andorinhas? Onde as andorinhas?

SERRA DO ESTEVÃO II

Ouçó: é uma tosse agônica. Talvez
aquela rapariga do Pará
suba da serra neste fim de mês.
Não se espere milagre: morrerá
Outra, para tossir, quando virá?
Quantos irão, depois da sua vez?
Longe, quase indistinto, Quixadá
nem sabe o drama desta pobre Inês.

Eu vi morrer o tísico Luis...
Lia Platão. Era tranquilo e só:

foi no mundo uma planta sem raiz.

Agora Inês é que se vai também...
Seu rosto é lindo: a terra tenha dó.
Adeus, adeus, ó moça de Belém!

O canto triste do poeta em relação à sua terra, também será repetido muitas outras vezes em seus inúmeros versos, independentemente da temática, uma vez que a poesia de Jáder de Carvalho é eivada não apenas de tristeza, mas de um pessimismo latente, diríamos nós, em decorrência da insatisfação e da indignação que sente o poeta com os modos rasteiros de se fazer política no Brasil. Seu posicionamento sempre combativo o levou a ser condenado a vinte e sete anos de prisão pelo Tribunal de exceção do Estado Novo, no ano de 1943, cumprindo trezentos e sessenta e quatro dias de pena. Isso, contudo, não foi suficiente para impedir a manutenção das posições políticas do escritor, o qual, fosse através dos jornais que criou e manteve, fosse através da sua obra, estava sempre a postos no combate aos poderosos detentores do poder, o que o fez pagar um alto preço.

UM AUTOR, ÍNDICE DO SEU POVO

Excetuando-se o *Aldeota*, romance de 1963, é muito difícil encontrar os livros do autor nas livrarias do Brasil. Passados vinte e nove anos da sua morte, ainda paira sobre o homem e escritor Jáder de Carvalho uma espécie de censura que impede que sua obra chegue ao conhecimento das novas gerações. Por quanto tempo essa situação ainda se manterá é uma pergunta para a qual não vislumbramos uma resposta. Podemos, no entanto, vislumbrar a democratização da sua obra por meio da Internet, uma vez que aqueles que possuem seus livros poderão disponibilizá-los gratuitamente na grande rede, driblando o desinteresse proposital das editoras e órgãos públicos de cultura ainda atrelados a um passado de “aos amigos tudo, aos inimigos nada”.

Toda a perseguição sofrida por Jáder de Carvalho não impediu que o autor produzisse uma das mais relevantes obras da literatura brasileira, trafegando pelos mais variados campos do conhecimento. Assim sendo, no ano de 1930, o autor traz a lume seus ensaios sociológicos “*O Índio Brasileiro*” e “*O Problema Demográfico*”. Paralelamente às suas atividades na imprensa (funda o jornal *A Esquerda*, em 1928), torna-se Bacharel em Direito, em 1931, ano em que lança seu livro de poemas *Terra de Ninguém*. Em 1935, Jáder de Carvalho publica o ensaio sociológico *O Povo sem Terra – Interpretação do Fenômeno Judeu*. No ano de 1937, o autor publica *Classe Média e Doutor*

Geraldo. Em 1942 é publicado *O Nordeste poderá bastar-se*. No que diz respeito a essa obra de 1942, percebe-se certa previsão de um futuro que apenas se confirmaria nos anos 2000, quando a região Nordeste dará um salto de qualidade econômica, demonstrando poder bastar-se, desde que não fosse vilipendiada, tendo os mesmos direitos que as regiões mais ricas do Brasil sempre tiveram. Um ano após sair da prisão, Jáder de carvalho publica o romance, hoje raríssimo, *A Criança Vive*, em 1945. Um ano depois, em 1946, publica o romance *Eu Quero o Sol*. O jornal *Diário do Povo*, a menina dos olhos do jornalista, será fundado no ano seguinte, o qual ficará em atividade por catorze anos até ter sua circulação suspensa no ano de 1961. *Água da Fonte*, livro de poesias, será publicado no ano de 1966. Em seguida, já no ano de 1967, publica o livro de poesias *Cantos da Morte*. Sete anos depois, o autor publica *Alma em Trovas*. Três anos depois, em 1977, é publicada a obra *Menino Só*. Em 1980, o autor publica *Delírio da Solidão*. Encerrando as publicações do escritor em estudo, no ano de 1981 saem as obras *Rua da Minha Vida* e *Meu Passo na Rua Alheia*. Jáder de Carvalho faleceu em Fortaleza, no dia 7 de agosto de 1985.

A POESIA POLIÉDRICA DE JÁDER DE CARVALHO

Ao listarmos as obras de Jáder de Carvalho, observamos as datas de publicação que separam uma obra da outra. A proximidade das datas indica o quanto o autor era dedicado ao fazer literário, publicando um livro no período de um ou dois anos, no máximo três. Ao contrário do que possa parecer, a quantidade de livros produzidos a essa velocidade não interfere de forma negativa na qualidade da obra do autor, a qual se apresenta como de extrema qualidade literária.

Quando veio para Fortaleza, no ano de 1915, Jáder de Carvalho tinha apenas catorze anos de idade. Em 1918, ou seja, contando dezessete anos, o poeta vindo da Serra do Estevão trava contato com o escritor e artista plástico Otacílio de Azevedo (1892-1978). Sobre a qualidade da produção literária de Jáder de Carvalho, afirma Azevedo, em seu livro *Fortaleza Descalça* (2012):

Frequentava um grupo do qual faziam parte, entre outros, Martins d'Alvarez, Edigar de Alencar, Sobreira Filho e Aldo Prado. Nessa época, Jáder de Carvalho já escrevia muito bem, tanto o verso como a prosa. Mais tarde, seria ele grande jornalista e grande poeta. (AZEVEDO, 2012:291)

Sobre o verso de Jáder de Carvalho, Otacílio de Azevedo aponta:

Seu verso amoldou-se posteriormente à estética Modernista. Mas, ao mesmo tempo em que

nos conhecemos, escrevia poemas de sabor simbolista, cheios de musicalidade, evocando noturnos e outonos. Ou então, levemente parnasiano (...). (AZEVEDO, 2012:291)

Como exemplo do que afirma, Otacílio de Azevedo cita o poema “Alma”, do livro *Água da Fonte* (1966:39).

“Alma de viajor de mil viagens,
sigo, num sonho, naves andarilhas
que se esfumam nas líricas paisagens
de angras azuis e solitárias ilhas.

São-me errantes e tristes as imagens...
À lembrança das velas e das quilhas,
formam golfos e idílicas paisagens
e encham-me os olhos de asas e de milhas:

Asas – quem sabe? – para as minhas ânsias;
milhas para eu sentir o Inalcançado,
no meu roteiro feito de distâncias,

mas onde eu cante sob um céu mirífico
e sonhe um porto virgem, mergulhado
numa doçura de ilha do Pacífico...”

No que diz respeito ao caráter combativo de Jáder de Carvalho e seu reflexo na obra do poeta, Azevedo afirma:

(...) seu profundo sentimentalismo formava apenas uma faceta do homem, que era igualmente combativo, chegando às raias da temeridade nos terríveis artigos com que atacava os inimigos nas colunas de jornais (...). Talvez justamente por causa desse espírito de luta, Jáder aderiu ao movimento modernista, passando a escrever poemas bem diferentes daqueles que escrevia antes. Abandonando a rima e a métrica (...). (AZEVEDO, 2012: 292)

Para corroborar o que diz, Otacílio de Azevedo aponta os poemas “Cabocla” e “Poema”. Ambos estão em *Água da Fonte* (1966). Em “Cabocla” (p.192), lê-se:

“Cheiroso inferno dos violeiros
rainha outrora nos batuques, no xerém:
atordoante,
selvagem,
antiga e morena flor dos sambas sertanejos,
é cabocla, tu és no teu reinado extinto
a fecunda promessa do homem novo.
O homem contemporâneo de Orós
nascerá de ti, cabocla.
(Não ouves o rumor dos passos do teu filho?)”

Em “poema” (p.68), tem-se:

“Laura lê poetas.
Laura declama.
Ontem, ela me procurou:
____ Olha: poema não é o que dizes, isto é, uma poesia qualquer.
Está aqui no dicionário:
“Composição poética, de certa extensão e com enredo.”
____ Pois o livro mente ____ respondi.
E, depois de beijar a Amada e Musa:
____ Poema, Laura, às vezes nem precisa ter versos.
____ Às vezes, basta um nome. O teu, por exemplo.”

Os poemas citados até aqui estão publicados no livro *Água da Fonte*, de 1966. A referida obra foi publicada pela editora Instituto do Ceará, em Fortaleza, e é dedicada a Nertan Macedo e F.S. Nascimento. O livro é composto de cinco partes. São elas: “Água da Fonte”, “Canções do Entardecer”, “Terra Bárbara”, “Ilhota do Diabo” e “Terra de Ninguém”. Em nota aos leitores, em *Toda a Poesia de Jáder de Carvalho* (vol. 1, 1973), o autor afirma: “Em ordem cronológica, publiquei *Terra de Ninguém*, *Água da Fonte* e *Cantos da Morte*. Respeitei a integridade do primeiro e do último. Quanto ao segundo, dele extraí *Terra Bárbara*. Assuntos regionais. Ritmo, feição e sentido modernistas. Fiz cortes e acréscimos”. Assim sendo, *Terra Bárbara* é relançado em 1982 pela editora Terra de Sol. Na segunda página da obra, logo abaixo do título, lê-se: “poemas telúricos retirados da primeira edição de *Água da Fonte* e ora acrescidos de muitos outros do mesmo gênero ainda inéditos”. A orientação do autor é bastante oportuna, uma vez que sua obra ainda está um tanto dispersa, o que causa certa confusão quando se busca fazer um levantamento geral da sua produção.

No que diz respeito à fortuna crítica acerca da obra do referido autor, mesmo ainda tímida, observa-se um crescimento, bem como um interesse crescente por parte de novos pesquisadores. Entre estudiosos já estabelecidos, observamos a análise desenvolvida por Pedro Lyra, em *Poesia Cearense e Realidade Atual* (1975). Na referida obra, Pedro Lyra discorre sobre os trabalhos de autores dos Grupos Clã e SIN. Do primeiro, o autor selecionou seis escritores e denominou suas análises da seguinte forma: “Antônio Girão Barroso e Angústia”, “**Jáder de Carvalho e Rebelião**”, Otacílio Colares e Burocratismo”, “Artur Eduardo Benevides e Desessencialização”, “Francisco Carvalho e Reificação” e “Carlos D’Alge e Inquietude”. Quanto ao Grupo SIN, os autores em análise são: “Barros Pinho e Solitarismo”, Rogério Bessa e Desnaturação”, “Yêda Estergilda e Cotidianidade”, “Marly Vasconcelos e Nostalgia”, “Linhares Filho e Fatalismo”, “Horácio Dídimo e Esperança”, “Roberto Pontes e Libertação”.

Ao discorrer sobre poesia e rebelião em Jáder de Carvalho, Pedro Lyra afirma:

Há três faces-fases distintas na poesia de Jáder de Carvalho: a 1ª) telúrica, representada por *Terra de Ninguém* e identificada com o localismo do movimento modernista de 22; a 2ª) política, representada por *Terra Bárbara* e identificada com o substancialismo da geração de 30; a 3ª) lírica, representada por *Água da Fonte*, *Cantos da Morte* e *Temas Eternos*, e identificada com o instrumentalismo de 45. As duas primeiras, estilizando a estrutura e a linguagem populares da literatura de cordel, encontram-se num ritmo então original, de feição épica, onde o verso se confunde com a frase, a estrofe com o parágrafo, e a composição, embora nunca desça a um nível prosaico, resulta no que chamarei de poema-conto, - e que a terminologia semiótica poderia chamar de ‘contoema’, e o poema continuaria pagão. A terceira, fruto da maturidade do poeta, já ultrapassada a explosão da juventude, se concentra na forma fixa do soneto, opera um retorno aos temas eternos e, literariamente falando, consiste num regresso. (LYRA, 1975:27)

Para o referido crítico, o aspecto lírico da poesia de Jáder de Carvalho é um retrocesso, considerando mais representativos da poesia do poeta em estudo suas faces / fases telúrica e política. É nessas faces/fases, conforme o crítico: “onde temos, na espontaneidade da linguagem e na epicidade do verso, um poeta identificado com sua terra, seu tempo, sua gente – no que estes têm de mais característicos, - fontes da Arte que faz a História”.

Nosso trabalho, por sua vez, está ancorado basicamente nos termos “canto” e “poliédrica”. Sabendo-se que o canto nada mais é do que cada uma das partes de um poema longo; concebemos a obra poética de Jáder de Carvalho não apartada em livros com temáticas dissociadas entre si, mas como partes integrantes de um poema longo devidamente inter-relacionadas. Poema longo esse que pode ser compreendido como a poética do autor ou como a própria vida. Assim sendo, não podemos concordar com o autor de *Poesia Cearense e Realidade Atual* (1975), quando enclausura a poesia do poeta de *Água da Fonte* (1966) em três faces/fases. Para nós, trata-se de uma classificação simplista e reducionista que não abrange as temáticas propostas na poesia do referido escritor. Daí, por consideramos a poesia jaderiana, um manancial de temáticas possibilitadoras das mais profícuas interpretações, é compreendemos sua poesia como *poliédrica*, uma vez que um poliedro, tal qual a poesia de Jáder de Carvalho, é constituído de muitas faces. Por outro lado, vemos como coerente o uso do termo “rebelião” aplicado à literatura de Jáder de Carvalho, uma vez que o referido termo indica oposição à autoridade estabelecida; podendo significar ainda oposição, insurreição e revolta. Dessa forma, a poesia insubmissa de Jáder de Carvalho, assim como o próprio poeta, estará sempre se rebelando contra toda e qualquer forma de submissão, aprisionamento e limitação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das mais ricas, a literatura de Jáder de Carvalho ainda aguarda o seu devido

reconhecimento na seara da literatura brasileira. Talvez isso se deva, em parte, à decisão do autor de permanecer em sua terra, quando vários outros saíam para “tentar a sorte” nas regiões Sul e Sudeste, por exemplo; ou ainda, devido aos enfrentamentos políticos do autor com poderosos grupos políticos e econômicos do Ceará. Seja como for, a obra de Jáder de Carvalho já é objeto de estudos de inúmeros pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento nas universidades brasileiras.

No caso da sua obra poética, muitos são as possibilidades de pesquisas. E por se tratar de uma obra aberta, como se é característico da natureza da própria poesia, a obra de Jáder de Carvalho aponta para inúmeras possibilidades de compreensão e estudo. E assim sendo, o presente trabalho consiste apenas numa simples contribuição aos estudos da literatura produzida no Ceará, mais especificamente, aos estudos que versam sobre a obra literária de Jáder de Carvalho não compreendendo-a como algo estático ou inerte capaz de ser classificada e rotulada como se fosse um objeto qualquer, mas eivada de possibilidades de análise, estudo e compreensão capazes de contribuir na formação de cidadãos leitores, imbuídos do instinto de transformação social, no que diz respeito às mudanças possibilitadas pela educação, a literatura, a política e a cultura.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Edigar de. **Variações em tom menor**. Fortaleza: UFC/PROED, 1984.
- AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: SECULT/CE, 2010.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura cearense**. Fortaleza: ACL, 1975.
- CARVALHO, Jáder de. **Água da fonte**. Fortaleza: Instituto de Ceará, 1966.
- _____. **Rua da minha vida**. Fortaleza: Terra de Sol, 1981.
- _____. **Terra bárbara**. Fortaleza: Terra de Sol, 1982.
- _____. **Cantos da morte**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1967.
- _____. **Menino só**. Fortaleza: UFC, 1997.
- _____. **Delírio da solidão**. Fortaleza: UFC, 2001.
- _____. Jáder de *et al.* **O canto novo da raça**. Fortaleza: Iris, 2011.
- DIAS, Débora. *A tradução do idealismo*. In Revista Fortaleza, parte do Jornal *O Povo*, Fortaleza, 18/06/2006.
- IPIRANGA, Sarah Diva da Silva. *Jáder de Carvalho: um homem entre o fogo e a água*. Jornal *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 22/12/2012. Disponível em <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/ler/jader-de-carvalho-um-homem-entre-o-fogo-e-a-agua-1.54998>. Acesso em 16 de março de 2014.
- LEAL, Ângela Barros. **Jáder de Carvalho**. Fortaleza: EDR, 2000.
- LYRA, Pedro. **Poesia cearense e realidade Atual**. Petrópolis: Vozes/Unifor, 1975.
- MONTENEGRO, João Alfredo. **Jáder de Carvalho e o Diário do Povo**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011.
- PARENTE, Tiago Coutinho. “Literatura e jornalismo feitos para punir: Jáder de Carvalho e o silêncio sobre o romance *Aldeota*” in *Anais do XIII Congresso de Comunicação da Região Nordeste: quem tem medo da pesquisa empírica?* ORG. Nélia Rodrigues Del Bianco *et al.* São Paulo: Intercom, 2011.. Disponível em <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0114-1.pdf>. Acesso em 16 de março de 2014.
- SOUSA, José Bonifácio de. **Quixadá & Serra do Estevão**. Fortaleza: UFC, 1997.